

D. NARCISA DE VILLAR, UMA EXPERIÊNCIA ARQUEODECOLONIAL NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Taciana Ferreira Soares¹

RESUMO

Indígena do Ipiranga, pseudônimo da escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo e Castro, é a autora do romance D. Narcisa de Villar, publicado em 1858. Neste romance, ainda hoje abafado pela crítica e pelo cânone, encontramos a fórmula do indianismo romântico produzido pelos autores consagrados, como José de Alencar. O que diferencia a obra de Ana Luísa, no entanto, além das incursões de elementos fantásticos e góticos, pouco explorados pelos autores canônicos no momento dessa publicação, são elementos que aqui nomeamos de arqueodecoloniais. Se de acordo com Ballestrin (2013) a colonialidade é a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser; a decolonialidade é o movimento proposto por pensadores - como Anibal Quijano, Catherine Walsh e Walter Mingnolo - para resistir e enfrentar os padrões impostos aos grupos subalternizados. Falamos aqui de uma experiência arqueodecolonial porque o conceito de colonialidade e, conseqüentemente, de decolonialidade, são propostos já na segunda metade do século XX. Assim sendo, não temos, na escrita da Indígena do Ipiranga um conceito organizado, como o que será cunhado mais de um século depois da publicação do seu romance, mas temos, no entanto, uma investida na criação literária que visa dar voz a dois grupos subalternizados: as mulheres e os indígenas. A concepção arqueodecolonial, desse modo, visa observar essas primeiras manifestações decoloniais em D. Narcisa de Villar, um romance que, além de reivindicar seu espaço como também formador do indianismo

1 Doutoranda em letras na linha de literatura, teoria e crítica pela UFPB. Email: taciana_fsoares@hotmail.com

brasileiro, dá voz às mulheres e aos indígenas, heróis da narrativa, em oposição ao português colonizador, representação da tirania e da violência.

Palavras-chave: Ana Luísa Azevedo e Castro, D. Narcisa de Villar, Indianismo, Romantismo brasileiro, Decolonialidade